

Caminhos para a qualificação de periódicos científicos em Artes Visuais e Design: o exemplo da revista Cultura Visual¹

Paulo Fernando de Almeida Souza

Profesor doctor de la Escuela de Bellas Artes de la Universidad Federal de Bahía, Brasil
paulosouza@ufba.br

María Herminia Olivera Hernández

Profesora doctora de la Escuela de Bellas Artes de la Universidad Federal de Bahía, Brasil
herminia@ufba.br

Resumo

Este artigo apresenta a trajetória da revista científica brasileira Cultura Visual, editada pelo Programa de Pós-Graduação em Artes Visuais da Universidade Federal da Bahia, desde suas origens, dedicada a publicação dos resultados de pesquisas de investigadores e docentes do programa, até a implementação de sua versão eletrônica, buscando qualificação dentro dos padrões internacionais de periódicos científicos. A principal contribuição deste artigo é apresentar caminhos de qualificação para editores científicos, por meio da experiência alcançada em mais de uma década de construção deste periódico.

Palavras-chave

Periódico científico em artes visuais e design; Plataforma SEER/OJS; Revista Cultura Visual.

Resumen

Este artículo presenta la trayectoria de la revista científica brasileña intitulada Cultura Visual, editada por el Programa de Postgraduación en Artes Visuales de la Universidad Federal de Bahía, Brasil, desde sus orígenes, dedicada a la publicación de los resultados de pesquisas de los investigadores y docentes del programa de postgraduación, hasta la implementación de su versión electrónica, buscando calificación dentro de estándares internacionales de publicaciones científicas. La principal contribución de este artículo es presentar caminos para editoriales gráficos de revistas científicas, por medio de la experiencia alcanzada a lo largo de más de una década de construcción de este periódico.

Palabras clave

Periódico Científico en Artes Visuales y Design; Plataforma SEER/OJS; Revista Cultura Visual; Bahía.

¹ Artigo apresentado na mesa “Publicações especializadas sobre a imagem”, na “IX Bienal Ibero-americana de Comunicação: a imagem nas sociedades midiáticas latino-americanas”, organizada pelo Instituto de Comunicação e Imagem da Universidade do Chile, em agosto de 2013, escrito no idioma espanhol sob título “*Caminos para la calificación de periódicos científicos en artes visuales y design: el ejemplo de la revista Cultura Visual*”. Traduzido, revisado e ampliado para publicação nesta edição da Cultura Visual.

1. Introdução

Este artigo apresenta o exemplo do trabalho de publicação científica realizado pela equipe editorial do periódico brasileiro *Cultura Visual*, editado semestralmente pelo Programa de Pós-Graduação em Artes Visuais da Universidade Federal da Bahia (PPGAV/UFBA), envolvendo a migração de um projeto originalmente tímido, dedicado a publicação de uma produção científica local, para um periódico que busca ser reconhecido por sua qualidade editorial-gráfica em níveis nacionais e internacionais.

Para tanto, apresentam-se as origens da revista, evidenciando o estilo adotado em seu projeto gráfico e as características técnicas mínimas para alcançar a condição de periódico capaz de receber incentivos e apoios governamentais para sua manutenção e continuidade. Em uma segunda fase, a *Cultura Visual* se apresenta como periódico mais abrangente, buscando um corpo de conselheiros com reconhecimento nacional, composto por pesquisadores de diversas instituições brasileiras e latino-americanas. Finalmente, a partir de sua décima edição, a revista passa a ser editada em suas versões impressa e eletrônica, adotando a política de acesso livre aos conhecimentos editados, modificando seu projeto gráfico-editorial para ser qualificada e reconhecida por padrões de qualidade científica internacionais.

A contribuição mais significativa deste artigo é apresentar caminhos para editores, investigadores e autores de textos técnico-científicos nos campos das artes visuais e design, interessados em desenvolver ou aperfeiçoar projetos editoriais de revistas científicas, principalmente aquelas editadas em versões eletrônicas, utilizando plataformas de acesso livre, dentro do modelo proposto pelo Open Journal System (OSJ), no Brasil, representado pelo Instituto Brasileiro de Informação em Ciência e Tecnologia (Ibict), por meio do Sistema Eletrônico de Editoração de Revistas (SEER).

2. Origens da revista

Tanto a divulgação da produção em artes visuais, quanto a aceitação desta produção por veículos científicos relacionam-se com um processo que tem como condição histórica o reconhecimento oficial do campo da arte como área estruturada dentro do Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico (CNPq) e na Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior (CAPES), a partir dos anos de 1980. Tal processo indica que as reflexões acerca da produção científica do universo das artes permitiram um entendimento mais abrangente deste campo do saber. Nesta época, importava encontrar formas adequadas

de afirmar a arte e caracterizá-la como atividade investigativa para, assim, definir parâmetros básicos que iriam gerenciar a criação desta nova área de forma organizada e reconhecida nas agências de fomento.

Uma vez consolidada a criação da área, as questões foram voltadas para o fortalecimento dos programas de pós-graduação *stricto sensu*, buscando formas de avaliação da qualidade científica de sua produção e, também, meios de divulgação e acesso adequado a este conhecimento. Diante disso, a necessidade de publicações regulares se tornou parte da realidade dando lugar ao surgimento de revistas, ou periódicos, inseridos no sistema de avaliação vigente. É neste cenário que se encontra a Cultura Visual, cujo primeiro número foi lançado em 1998, ano anterior ao reconhecimento pela CAPES do Programa de Pós-Graduação em Artes Visuais da Universidade Federal da Bahia (PPGAV/UFBA). Neste momento, o formato adotado foi o semestral, com o objetivo principal de servir de veículo para a produção do próprio programa, ou seja, vinculado à necessidade de publicação de seus docentes e discentes, apresentando-se, portanto, de forma endógena. Todavia, nesta etapa, a revista tinha um conteúdo de cunho temático, onde os artigos respondiam a chamadas com temas propostos pelos editores, sendo organizada por um professor-doutor membro do corpo docente.

Em 2003, as edições número 4 e 5 apresentam reformulações que vão desde mudanças na capa e dimensionamento da revista até a realização de um novo projeto gráfico do miolo. A partir destas edições, o conselho editorial, até então composto basicamente por professores doutores de universidades brasileiras, ganha a participação de um membro latino-americano, procedente do Chile, oferecendo possibilidades de integração com outros investigadores, tanto na condição de autores quanto consultores da publicação. Esta conjuntura se consolida no número seguinte, agregando outros investigadores internacionais, sendo um francês e outro italiano, permanecendo até a edição de número nove.

Em sua fase inicial, a Cultura Visual foi editada unicamente em sua versão impressa, tendo seu projeto gráfico desenvolvido por estudantes da própria Escola de Belas Artes da Universidade Federal da Bahia. Desta forma, o projeto das capas, por exemplo, foi simplificado ao máximo, buscando facilitar a continuidade das edições e evitando reajustes estéticos a cada número editado (Figura 1). Ademais, visando uma otimização de recursos, e também por não se ter neste momento uma preocupação mais detalhada com o projeto

editorial-gráfico, em suas versões iniciais, a revista passa por diversas modificações em sua apresentação visual, desde a disposição das colunas, ao estilo tipográfico, passando por informações técnicas prestadas sem uma completude aos leitores, tais como resumos, palavras-chave e informações sobre os autores. A Figura 2 apresenta diferenças no projeto gráfico presentes nas primeiras edições da revista.



Figura 1. Primeiras capas da Cultura Visual.



Figura 2. Divergências no projeto gráfico nas primeiras edições impressas.

A escolha do estilo tipográfico em uma revista científica, onde o conteúdo é normalmente priorizado, deve seguir uma característica de legibilidade prioritária. Mais ainda, deve-se atentar para a leiturabilidade das páginas, ou seja, o potencial de comunicação da chamada “mancha gráfica” impressa, uma relação entre as áreas brancas e as áreas onde o texto predomina (FELICI, 2003; GARFIELD, 2012).

Outro aspecto de leitura importante consiste na determinação do número de colunas a ser adotado no projeto gráfico. Decerto, o número máximo de duas colunas se apresenta como um padrão das revistas científicas, porém, esta escolha deve seguir uma orientação voltada para o equilíbrio entre quantidade de textos e a disposição de imagens. Neste sentido, o projeto inicial da Cultura Visual se apresenta indefinido, com as edições variando em função do gosto individual de cada designer responsável pela diagramação das edições subsequentes, conforme expresso na Figura 2. Desta forma, a busca por uma identidade visual foi diminuída nos primeiros números, devido, sobretudo ao foco do fazer-acontecer a revista, em um cenário de incertezas quanto a sua continuidade e, portanto, dispensando os cuidados necessários com a padronização do projeto gráfico.

Somente a partir da décima edição, lançada em 2007, a revista passa a construir sua identidade visual com mais determinação e clareza. Nesta edição, são convidados pesquisadores de diversos países, com trabalhos derivados de um grande evento científico promovido pelo Programa de Pós-Graduação em Artes Visuais da UFBA, que permitiu, de um lado, uma quantidade e qualidade de trabalhos científicos adequados para a produção de uma revista temática e, de outro lado, a captação de investimentos do governo brasileiro, por meio de agências de fomento à pesquisa, fundamentais para a implantação de um novo projeto editorial-gráfico para a revista, com a contratação de profissionais especializados em design. Desta forma, surge o marco inicial para o projeto atual, com as adequações necessárias para a edição conjunta das versões impressa e eletrônica.

O projeto gráfico adotado a partir de então traz a obrigatoriedade de alguns detalhes importantes para qualificação dos periódicos científicos, tais como a inclusão de *abstracts* e *keywords*, além da apresentação das normas editoriais e critérios de avaliação.

Por fim, a partir da décima segunda edição, estes critérios são intensificados, apresentando também uma indicação das datas de submissão e aprovação dos trabalhos, o detalhamento do perfil do conselho editorial e o formato de citação de cada artigo publicado, segundo modelo adotado pela Associação Brasileira de Normatização Técnica (ABNT). A Figura 3 apresenta o desenho da capa padronizado pelo projeto gráfico atual.

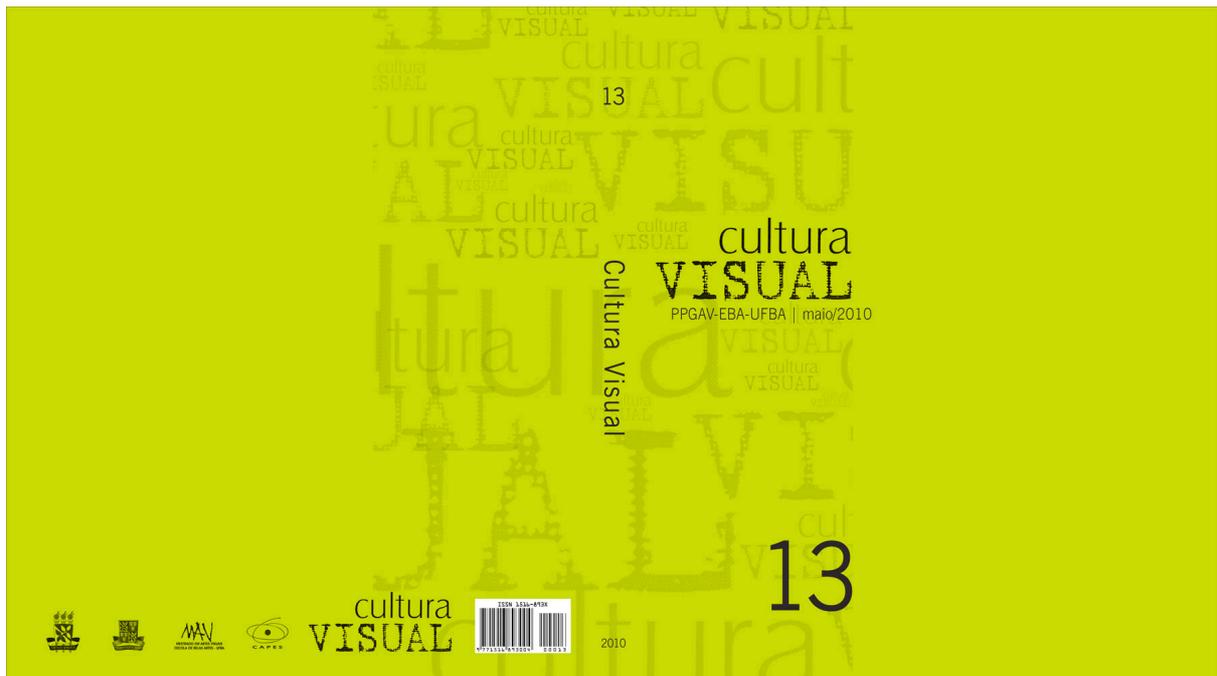


Figura 3. Exemplo de capa padronizado no projeto gráfico atual da revista.

O estilo tipográfico adotado para o projeto gráfico da Cultura Visual foi a tipografia *News Gothic*, desenhada originalmente por Morris Benton, em 1908, e aperfeiçoada por Frank Bartuska, em 1958 (ROCHA, 2004). Esta escolha permite uma legibilidade adequada, quando são diagramados textos em única coluna e com intersecção de imagens, podendo ser contornadas, ou não, pelo corpo do texto, a exemplo do efeito “*text wrap*”, disponível na maioria dos softwares de editoração gráfica. Ademais, a legibilidade dos parágrafos torna-se melhor percebida, com uso das variações de peso em uma única família tipográfica, adotando os destaques de título em *News Gothic Bold* e o corpo do texto em *News Gothic Regular*, o que possibilita uma leitura agradável, mesmo em se tratando de textos longos.

Também no projeto atual, foi adotada uma única coluna de texto, com uma margem interior deslocada, permitindo uma área de branco na página impressa, utilizada comumente para dispor de notas e também facilitar a diagramação de imagens. A Figura 4 apresenta o resultado do projeto gráfico em uma página impressa da Cultura Visual.

Para citar este artigo (ABNT):
 BARROS, José D. A. Paul Cézanne: considerações sobre sua contribuição para a arte moderna.
 In: *Cultura Visual*, n. 15, maio/2011, Salvador: EDUFBA, p. 11-29.

Paul Cézanne: considerações sobre sua contribuição para a arte moderna
Considerations on Paul Cézanne's contribution to Modern Art
 José D'Assunção Barros

Resumo
 Este artigo busca desenvolver algumas considerações sobre a obra de Paul Cézanne, dirigindo um olhar para as suas contribuições para a Arte Moderna e para as fases de produção artística de Cézanne. Em um primeiro momento, buscamos uma visão cronológica de seus trabalhos em fases que vão da contribuição romântica a uma fase especificamente moderna, na qual Cézanne experimenta um novo tratamento da Cor e da Forma, abrindo caminhos para serem seguidos pelos movimentos artísticos modernistas.

Palavras-chave
 Paul Cézanne; Arte Moderna; Pintura.

Abstract
 This article aims to develop some considerations on the work of Paul Cézanne, directing a view to his contributions to the Modern Art and to the understanding of his phases of artistic production. In the first moment, we intent to present a chronologic view of his works in phases that came from a romantic contribution to a phase specifically modern, where Cézanne experiences a new treatment of the Color and the Form, opening ways to be followed by the modernist artistic movements.

Keywords
 Paul Cézanne; Modern Art; Painting.

1. Introdução
 Poucos artistas, como Paul Cézanne, terão sido tão importantes para a Arte Moderna. A historiografia da Arte costuma situá-lo no próprio núcleo de formação da Arte Moderna, na companhia de Vincent Van Gogh e Paul Gauguin – cada um destes artistas contribuindo com uma faceta particularmente importante para o conjunto dos inúmeros movimentos artísticos que marcariam as seis primeiras décadas do século XX. Eis aqui três gênios criadores que, sem terem por si mesmos fundado escolas, impulsionaram direta ou indiretamente um grande número de movimentos da Arte Moderna.

Vincent Van Gogh foi o anunciador dos caminhos que se pautariam fundamentalmente na intensidade expressiva, na coragem de se entregar a uma exploração inédita de cores fortes e puras que pudessem de fato revelar o que havia de mais vivo e intenso no interior dos seres humanos. Todos os

Submetido em: 25/01/2011
 Aprovado em: 21/03/2011

Cultura Visual, Salvador, n. 15, Maio/2011

11

Figura 4. Padronização de informações técnicas no projeto gráfico da Cultura Visual.

a carta. Ao final Carolina escreveu: "Espero ter o prazer de encontrar um dia essa flor de amizade".

Relatando o episódio da "Carta de Carolina" observamos que aquela menina havia encontrado um modo especial de acolher a realidade que vivia. Ela vinha de uma família de classe média de um subúrbio carioca, e como os tempos eram outros, em sua casa havia fartura de muitas coisas, no entanto, superação tinha tudo a ver com o que ela haveria de passar pela vida afora. Ela não era como as meninas da sua idade - não se interessava por bonexes, preferia corchoer passos, gostava de desenhar e interpretar personagens. E, apesar da pouca idade, preferia a companhia dos mais velhos. Possivelmente, por conta disso ela tinha se interessado pela história de Carolina Nabuco.

Neste sentido, retomando o que foi dito anteriormente, de acordo com Mosoreff (2003), a função principal da cultura visual é poder dar sentido a variedade infinita de realidade exterior mediante a seleção, interpretação e representação da dita realidade.

Em março, no mesmo mês em que recebeu a carta, a menina decidiu conhecer Carolina. Sua avó iria visitá-la uma irmã que morava em Botafogo e a menina foi acompanhá-la na visita. A intenção era a de conhecer Carolina, e, ao chegar à casa da tia, a menina disse que desceria para o pátio interno do prédio. No entanto, ela saiu de casa com o envelope e a carta de Carolina na mão. Mesmo nunca tendo andado sozinha na zona sul carioca, mesmo não sabendo qual direção a levava da Praia de Botafogo até a Rua Marques de Orlinda, a menina contava com referência, entre a casa da tia e a casa de Carolina, o Colégio Andrews, na Praia de Botafogo, onde sua prima estudava. E seguiu pela calçada em direção ao colégio - como caminhante que apelava para sua memória visual a fim percorrer a travessia e não se perder nas encruzilhadas, nem com possíveis deslizes e tropeços - até o momento de chegar à frente da casa de Carolina.

Ao se deparar com a casa, do outro lado da rua, embora o ano fosse 1919, e os aspectos urbanos tivessem mudado muito na cidade, e no bairro de Botafogo, a casa que um dia morou Joaquim Nabuco sobressaía do resto da rua por manter sua fisionomia de outrora (não podemos precisar de quando a casa é datada, mas Carolina residiu lá, com os pais, do período da infância até 1899 quando se mudou, retornando apenas em 1952 com seus irmãos).



Figura 2 - A casa de Carolina.⁴

A menina atravessou a Rua Marques de Orlinda ignorando carros, ruas, pessoas, ignorou até mesmo o tempo que passava sem pressa. Ela estava ali, no lugar onde queria ter ido, pouco importava todas as coisas agora, afinal aquela não era a hora de nada além daquele sentimento. Não havia nela a menor preocupação, nem mesmo sentimentos controversos, por não ter avisado a avó para acordar tão naquela tarde. Depois de tudo, quem sabe, ela até poderia se preocupar em responder o quê, sobre o quê, que pudesse fazer sentido sobre o que fizera durante toda a tarde. Naquele momento tudo estava perfeito, a Carta, a Casa, o Jardim, a Menina e a Escritora.

A casa que a menina se deparava era exatamente como a descrita na matéria da revista. Um sobrado de linhas simples, as janelas e portas permaneceram fechadas, porém o portão de acesso para a rua ficava todo o tempo aberto. O jardim da frente era sombreado por árvores centenárias. Ao invés de grandes muros havia um pequeno muro de granito flameado com grades semelhantes às grades das estações ferroviárias de trem dos subúrbios cariocas que a menina via ao passar.

A menina caminhou pelo terreno e subiu os degraus da varanda com gradil de ferro, onde ficava a porta de entrada da casa. Tocou a campainha. Apareceu para atendê-la uma mulher vestida com uniforme, era uma empregada da casa. Identificou-se e, num pequeno gesto, entregou-lhe a carta. A mulher retornou para o interior da casa, encostando a porta - é que a menina havia feito a visita de surpresa - alguns minutos depois, antes que ela pudesse sentir que o tempo passava, a mesma mulher retornou e encaminhou a menina para um grande saguão de acesso à sala principal, ou sala de visitas, como era chamada antigamente a sala que era habitada apenas quando havia visita na casa.

De imediato, a menina reconheceu que aquela era a mesma sala que ela havia visto nas fotos para a reportagem da revista. Na sala o pé-direito era altíssimo, vidros bizotados nas janelas com espessas cortinas. Havia um quadro, pintado a óleo retratando Joaquim Nabuco.

Enquanto esperava a empregada voltar a menina olhava todos os detalhes da casa com olhos de extrema agudeza. É bem provável que ela só tenha visitado casa semelhante quando foi ao Museu Imperial, em Petrópolis.

Ao refletir sobre esta passagem citamos Burnett (1995), quando diz que as imagens visuais parecem conter não somente mensagens, mas também os



Figura 1 - A carta de Carolina Nabuco.

⁴ Desenho pertencente à sobrinha neta de Carolina Nabuco.

32

33

Figura 5. Adequações de legibilidade e leiturabilidade no projeto gráfico da Cultura Visual.

3. Novos caminhos: edição simultânea das versões impressa e eletrônica

Seguindo a tendência dos periódicos brasileiros, sobretudo devido ao alto custo de manutenção assumido pelas instituições de ensino, a Cultura Visual, a partir de seu número doze passa a ser editada simultaneamente nas versões impressa e eletrônica. Para tanto, foi necessário escolher um sistema específico para editoração de sua versão online, que permitisse um processo de editoria científica eficiente e automatizado. Dentre as possíveis

escolhas, foram cogitadas as plataformas Scielo e SEER/OJS, ambas de acesso livre aos conteúdos, porém com características de gestão da informação bem diferenciadas. A primeira plataforma, a Scielo, acrônimo do termo em inglês Scientific Electronic Library Online, conforme expresso em sua página na internet, é um modelo para a publicação eletrônica de periódicos científicos que proporciona uma solução eficiente para assegurar a visibilidade e o acesso universal aos conteúdos, implementado no Brasil por meio da Fundação de Amparo à Pesquisa do Estado de São Paulo - FAPESP e o Centro Latino-Americano e do Caribe de Informação em Ciências da Saúde - BIREME, como apoio do Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico - CNPQ (SCIELO, 2013).

Apesar de seu grande reconhecimento no meio científico e acadêmico, a plataforma Scielo possui critérios de arbitragem para a inserção de periódicos que, na época de tomada de decisão para implementação da versão eletrônica da Cultura Visual, estavam além da capacidade de gestão e coordenação da equipe editorial da revista, sobretudo quanto ao fluxo de publicação da produção científica, com número mínimo três edições anuais e, pelo menos, 18 artigos inéditos anuais. Ademais, todo o registro de submissão, avaliação e julgamento dos trabalhos deveria estar documentado para postulação da revista, o que também não nos era possível de informar, tendo em vista a inexistência de tal controle. Assim, foi decidido que a revista passaria a ser implementada gradativamente com uso de um sistema de editoração eletrônica mais simples e, ao longo prazo, passaria a ser editada também na plataforma Scielo, assim que fossem atingidos os indicadores necessários para sua aceitação.

A plataforma adotada para a versão eletrônica da Cultura Visual foi o Sistema Eletrônico de Editoração de Revistas – SEER/OJS, versado para o português e gerenciado, no Brasil, pelo Instituto Brasileiro de Informação em Ciência e Tecnologia – IBICT, realizado a partir da customização do *Open Journal Systems* – OJS, software de gerenciamento e publicação de revistas eletrônicas desenvolvido pelo *Public Knowledge Project* – PKP, da *University of British Columbia*, no Canadá (IBICT, 2013). Esta plataforma possui ações essenciais à automação das atividades de editoração de periódicos científicos, desde a etapa de submissão de artigos, passando pela avaliação dos conselheiros, tomadas de decisão sobre aceites, aceites condicionais ou recusas de trabalhos, além de funcionar plenamente como uma página de divulgação e acesso à informação produzida pela revista, permitindo a disseminação, divulgação e preservação dos conteúdos, dentro de padrões editoriais internacionais para

periódicos eletrônicos. A Figura 6 apresenta a página de abertura da versão eletrônica da Cultura Visual na internet.



Figura 6. Página de abertura da versão eletrônica da Cultura Visual.

Uma característica interessante do sistema de editoração SEER/OJS é o fato de se manter um cadastro atualizado e fácil de ser gerenciado acerca dos autores e leitores da revista. Esta base de dados permite uma comunicação efetiva com um público especializado na temática da revista e também de interesse para a divulgação de informações e eventos promovidos pelo programa de pós-graduação. A cada lançamento, pode-se enviar conjuntamente *emails* para todos os assinantes da revista, que recebem inclusive o sumário com a relação de artigos publicados, com link direto para os arquivos. Atualmente, a revista tem cadastrados cerca de 450 autores, de diversas nacionalidades.

Uma das dificuldades na implantação da versão eletrônica foi a necessidade de treinamento dos autores para o processo de submissão de trabalhos, que exige uma série de detalhes para lograr o envio correto do trabalho a ser avaliado. Por exemplo, os autores necessitam informar os metadados dos artigos, que são informações relevantes para os mecanismos de busca utilizados pelas bases de indexação internacionais, além de cuidados com a formatação do trabalho com uso do editor de textos Word, da Microsoft, utilizado como padrão para a revista, bem como a omissão de informações que possam remeter a autoria dos artigos,

atendendo o requisito de revisão duplamente cega (*Double-blind review*), adotado pela revista. Diante destas dificuldades, buscou-se a disponibilização de um Guia Visual do processo de submissão da revista, que tornou mais simples e rápido o entendimento dos autores sobre os itens exigidos para a finalização das submissões de artigos. A Figura 7 apresenta a página inicial do Guia Visual do processo de submissão para a Cultura Visual.



Figura 7. Guia visual de apoio a la sumisión de artículos.

4. Adequações de conteúdo: padrão de qualificação da CAPES, Brasil

Os critérios de avaliação da área de Artes/Música, principal comitê de qualificação da revista Cultura Visual na agência brasileira de fomento científico CAPES, foram construídos a partir dos documentos de área resultantes da avaliação dos triênios 1998-2000, 2001-2003, 2004-2006 e dos requisitos mínimos para a aprovação de novos cursos de pós-graduação no Brasil. O ano de 2005 constitui o marco de início do “Qualis Artístico” da CAPES. O “Qualis” é um conjunto de procedimentos utilizados pela agência de fomento para estratificar a qualidade da produção intelectual dos programas de pós-graduação no Brasil (QUALIS, 2013).

Conforme registro nos documentos consultados referentes à área de Artes/Música, a mesma não tem tradição de indexação e, portanto, não se apóia em índices de impacto para qualificar seus periódicos. A avaliação tem sido realizada por comitês tendo em conta a qualidade das publicações a partir de critérios reconhecidos como tais: existência de editor responsável, conselho editorial (com a filiação institucional de seus membros), ISSN, linha editorial,

normas de submissão, periodicidade, avaliação por pares, filiação institucional dos autores, resumos e *abstracts* dos artigos, disponibilidade no formato digital e garantia de acesso e preservação de dados. O comunicado da área em fevereiro de 2013 confirma os critérios citados, enfatizando as questões de periodicidade mínima semestral e a existência de ISSN como condição *sinequa non* para a qualificação das revistas (QUALIS, 2013).

Com base nestes índices foram esboçados critérios para a classificação de periódicos em estratos “Qualis”, listados da seguinte forma: C, B5, B4, B3, B2, B1, A2 e A1. A cada um corresponde um peso em ordem de 0 a 100, equivalente a seu enquadramento em critérios específicos, sendo o menor para o estrato C e o maior para o A1. Todos estes critérios e pontuações são realizados tomando por base perfis definidos a partir de regras comuns ao Colegiado de Humanidades e adaptados para a trajetória histórica da área de Artes/Música. A Tabela 1 ilustra um trecho da qualificação geral, considerando do estrato B1, qualificação atual da Cultura Visual, até o estrato A1.

ESTRATO	PESO	CRITERIOS
B1	70	Publicações reconhecidas pela área, seriadas e arbitradas e dirigidas à comunidade acadêmico-científica, que atendam às normas da ABNT ou equivalente (no exterior), tenham difusão e acessibilidade online, circulação regional da versão impressa, quando for o caso; apresentem periodicidade mínima de 2 números anuais e regularidade na publicação, além de possuírem conselho editorial e corpo de revisores constituídos por pesquisadores nacionais de diferentes instituições. Devem garantir ampla diversidade institucional dos autores: pelo menos 50% dos artigos devem pertencer a três instituições diferentes daquela que edita o periódico, no caso daqueles de PPG.
A2	85	Publicações reconhecidas pela área, seriadas e arbitradas e dirigidas à comunidade acadêmico-científica, que atendam às normas da ABNT ou equivalente (no exterior), tenham difusão e acessibilidade online, circulação regional da versão impressa, quando for o caso; apresentem periodicidade mínima de 2 números anuais e regularidade na publicação, além de possuírem conselho editorial e corpo de revisores constituídos por pesquisadores nacionais de diferentes instituições. Devem garantir ampla diversidade institucional dos autores: pelo menos 60% dos artigos devem ser de três instituições diferentes da que edita o periódico, nos casos daqueles do PPG. Devem, ainda, publicar 1 artigo ou mais por volume (ano), com autores ou co-autores de instituições estrangeiras reconhecidas.

Continua...

A1	100	Publicações reconhecidas pela área, seriadas e arbitradas e dirigidas à comunidade acadêmico-científica, que atendam às normas da ABNT ou equivalente (no exterior), tenham difusão e acessibilidade online, circulação regional da versão impressa, quando for o caso; publiquem de 12 a 18 artigos científicos por ano; apresentem periodicidade mínima de 2 números anuais e regularidade na publicação, além de possuírem conselho editorial e corpo de revisores constituídos por pesquisadores nacionais de diferentes instituições. Devem garantir ampla diversidade institucional dos autores: pelo menos 70% dos artigos devem ser de três instituições diferentes da que edita o periódico, nos casos daqueles do PPG. Devem, ainda, publicar 1 artigo ou mais por volume (ano), com autores ou co-autores de instituições estrangeiras reconhecidas.
----	-----	---

Tabla 1. Estratos de maiores pesos por área de avaliação para a revista Cultura Visual.
Fonte: QUALIS (2013).

A Cultura Visual foi avaliada desde o início do processo editorial pela CAPES, recebendo, em 2009, a classificação B3. Neste momento, conforme mencionado anteriormente, a revista se encontrava na primeira fase de suas edições, ainda iniciando o processo de edição simultânea das versões impressa e eletrônica. Em virtude das adequações realizadas, dois anos depois, em 2011, foi classificada como B2, e um salto significativo em 2013, quando a Cultura Visual alcança a classificação B1. Cabe ressaltar que segundo o sistema de avaliação “Qualis”, a publicação também é classificada em estratos de outras áreas do conhecimento, a depender do perfil dos autores publicados em cada edição, conforme exemplifica a Tabela 2.

ISSN	TÍTULO	ESTRATO	ÁREA DE EVALUACIÓN
2175-084X	Cultura Visual (digital)	B1	Artes/Música
1516-893X	Cultura Visual (impresa)	B1	Artes/Música
1516-893X	Cultura Visual (impresa)	B1	Interdisciplinar
1516-893X	Cultura Visual (impresa)	B3	Historia
1516-893X	Cultura Visual (impresa)	B3	Geografía
1516-893X	Cultura Visual (impresa)	B4	Arquitectura e Urbanismo
1516-893X	Cultura Visual (impresa)	B4	Letras/ Lingüística
1516-893X	Cultura Visual (impresa)	B5	Sociología

Tabla 2. Estrato da Cultura Visual por área de avaliação.
Fonte: Qualis (2013).

5. Considerações finais

O estágio atual de qualificação da revista Cultura Visual consolida um trabalho que vem sendo desenvolvido ao longo dos últimos anos por uma equipe editorial comprometida com os detalhes e níveis de qualidade necessários ao reconhecimento de um periódico científico. Dentro das metas da revista está a de buscar, cada vez mais, sua internacionalização, por meio da ampliação do corpo de avaliadores e também a publicação de trabalhos de autores de

diversas nacionalidades dentro da perspectiva de traduzir, sempre que possível, os textos submetidos em língua estrangeira para o idioma português. Assim mesmo, procura-se alcançar a maior classificação possível, dentro dos critérios estabelecidos pela CAPES, logrando em médio prazo o estrato A1 para a revista. A versão eletrônica da Cultura Visual pode ser acessada no endereço: <www.culturavisual.ufba.br>

6. Referências

FELICI, J. **The complete manual of typography**. Berkeley: Adobe Press, 2003.

GARFIELD, S. **Esse é meu tipo: um livro sobre fontes**. Rio de Janeiro: Zahar, 2012.

IBICT – Instituto Brasileiro de Informação em Ciência e Tecnologia. **Página institucional**. Disponível em: <http://seer.ibict.br/index.php?option=com_frontpage&Itemid=1>. Acesso em: 12/03/2013.

QUALIS periódicos. **Página institucional**. Disponível em: <<http://www.capes.gov.br/avaliacao/qualis>>. Acesso em: 12/03/2013.

ROCHA, C. **Tipografia comparada**. São Paulo: Edições Rosari, 2004.

SCIELO – Scientific Electronic Library Online. **Página institucional**. Disponível em: <<http://www.scielo.org/php/index.php?lang=pt>>. Acesso em: 12/03/2013.